

# BRASIL-PORTUGAL

**Fundador** — Augusto de Castilho.  
**DIRECTORES** — Jayme Victor e Lorjô Tavares.  
**PROPRIETARIA** — A empresa do Brasil-Portugal.  
**EDITOR** — Manoel Pedro da Silva.  
**ADMINISTRAÇÃO** — C. do Sacramento, 14.  
**COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO** — Typ. do Annuario Commercial.

1 DE ABRIL DE 1912

N.º 317

## Augusto de Castilho



† em 30 de Março de 1912

*Depois de prolongada agonia, finava-se pelas 6 horas da manhã de 30 do mez findo, cercado de sua esposa, de seus filhos e de seu irmão, que nem um momento lhe abandonaram o leito de martyrio, e confortado com os soccorros da Egreja, aquelle que em vida teve o nome glorioso de Augusto de Castilho.*

*A larga folha de serviços á patria, com que n'uma longa existencia honrou o seu nome e o dos seus maiores, pô-la-hão em relevo pennas autorisadas e competentes.*

*Neste momento de dôr pungente, a nós que durante 14 annos o tivemos por companheiro na direcção desta Revista, que tanto nos honrou com o seu nome e nos orientou com os seus conselhos, cumpre-nos apenas, trançidos de magoa, registrar o passamento do vice-almirante Augusto de Castilho e gravar nesta pagina a nossa gratidão á sua memoria.*

# AUGUSTO DE CASTILHO

Do *Brasil-Portugal* de 1 de março de 1908, reproduzimos o artigo que um dos directores d'esta Revista consagrou a Augusto de Castilho, quando elle foi nomeado ministro da Marinha e do Ultramar.

**P**ELA ausencia de um dos directores do *Brasil-Portugal*, actualmente no Rio de Janeiro, cabe a quem firma estas palavras o gratissimo dever de saudar em nome de nós todos aquelle que por ser chamado aos conselhos da corôa abre um parentese na direcção dos trabalhos d'esta Revista.

Saudar! Não é bem esta a palavra que traduz o nosso pensamento. Empregámo-la á falta de outra melhor, á falta do termo apropriado que exprima simultaneamente um vago desgosto e um intimo contentamento.

Não é o desgosto apenas de nos vermos temporariamente privados da sua camaradagem tão leal, e do seu conselho tão seguro. E' o tambem, e sobretudo, porque conhecendo, como poucos, a linha recta do seu espirito, a inteireza do seu character, o seu brio pessoal, de cidadão e de militar, avaliamos, como ninguem, o sacrificio que a si proprio se impoz acceitando em hora tão grave e de tamanhas responsabilidades a gerencia da pasta da marinha e ultramar.

Intimo contentamento — seria pretensão o occultá-lo — de o vermos chamado ao governo, não por indicações partidarias ou exigencias politicas, mas pela imposição de character, pelo reconhecimento do valor, pelo prestigio do nome, alcançado em cincoenta annos de serviços consagrados á patria, por se reconhecer emfim, a necessidade de apoiar sobre um forte pedestal de honestidade, de experiencia, e de civismo, a promettedora e inexperiente mocidade do rei.

E' bem verdade que só o destino é omnipotente, porque só elle, na sua elaboração mysteriosa, torna verdadeiro o inverosimil, dá realidade a todas as utopias, derriba todas as previsões, dissipa todas as sombras, e no correr do espaço e do tempo, deixa vêr, á sua verdadeira luz, o fundo da alma e da consciencia humana. Quantas vezes elle tem sido, e só elle, o juiz integro, o redemptor supremo?

Quem nos havia de dizer a nós todos que aquelle coronel Picquart, escarnecido pela multidão, injuriado por todo um exercito, considerado traidor á patria, porque defendia um homem que ella chamava criminoso e que elle sabia innocente, havia, annos volvidos, de ser o chefe d'esse exercito, e um dos filhos mais queridos d'essa mesma patria?

Quem havia de crer que esse velho senador, que se chamou Scheurer Kestner, amaldiçoado pelos seus proprios companheiros das luctas politicas, repudiado, enxovalhado pela maioria da nação franceza, porque a sós com a sua consciencia defendia o judeu maldito e chamava para a innocencia d'elle a justiça universal, havia de ser abençoado pela humanidade e glorificado n'essa mesma grande cidade, que o insultára, e que ha poucos dias lhe ergueu, n'um dos seus mais poeticos jardins, uma estatua, em nome da Patria?

Quem havia de imaginar, no decurso dos ultimos mezes de 1894, que o official da marinha portugueza, Augusto Vidal de Castilho Barreto e Noronha, accusado por dois governos, o do Brasil e o do seu paiz, de um crime politico pelo qual era chamado a um conselho de guerra, crime tão nefando que para elle se reclamava a maior penalidade da lei, havia, quatorze annos

depois, na hora mais grave da vida nacional, de ser chamado, em nome da lealdade, do patriotismo e da honra, pelo rei e pelo chefe do governo, a assumir as altas funcções de chefe da armada?

E' que o Destino, a que outros chamam a Providencia, tem, e só elle, o poder invisivel de descobrir e illuminar a verdade. Muitas vezes é á Posteridade, é á Historia que elle confia essa missão de justiça. Mas tambem não raro succede que aos contemporaneos seja dado o salutar spectaculo da razão que domina, da verdade que sobrenada, da justiça que triumphá. E para Augusto de Castilho a justiça começou a fazer-se nesse mesmo Tribunal de 1895, em que o official unanimemente absolvido foi entusiasticamente aclamado pelos seus juizes e pelos seus camaradas.

E' que todos elles, e quantos vieram depois, e a sociedade portugueza, em summa, reconheceram que Augusto de Castilho, o moço governador de Moçambique, que aos 36 annos, para desaggravar o representante de Portugal que o Sultão de Zanzibar se nega a receber não querendo tratar com elle dos limites do seu paiz com a nossa provincia de Moçambique, occupa as povoações zanzibaristas, repelle com dois ataques as forças do Sultão, tomá-lhe as bandeiras e as peças da artilharia, e obtem para Portugal um novo triumpho, é tão valente, denodado e patriota, e tem no coração de portuguez tão enraizado e profundo o amor da sua terra, como o commandante da *Mindello* ao recolher a bordo do seu navio, com risco da liberdade e da vida, n'um admiravel gesto de altruismo, centenas de brasileiros que lhe supplicam refugio, que aterrados lhe pedem os poupe á morte violenta e certa.

Se o governador de Moçambique honrou o nosso heroismo tradicional, não menos o commandante da *Mindello* honrou as qualidades ethnicas da nossa raça, e mais do que isso, escreveu nos fastos da humanidade uma das mais bellas paginas de oiro!

Essa pagina seria bastante a immortalisar o nome de Augusto de Castilho, que em tantos actos subseqüentes, na esphera da sua acção official, como deputado da nação, como governador, como director da Escola Naval, como director geral da marinha, tem sempre engrandecido e nobilitado.

Dera-lhe não ha muito o fallecido Rei, como distincção especial, a grã-cruz de Aviz, que galardôa os serviços militares, e cobrem-lhe o peito de marinheiro as condecorações que premiam o merito nas suas manifestações multiplas.

Os postos que subiu na marinha, de aspirante a contra-almirante, de 1861 até hoje, pôde dizer-se que não houve um só, desde que fez a sua primeira estação naval na India até que subiu aos conselhos da corôa, que não illustrasse por um acto ou de bravura, ou de rectidão ou de justiça ou de bondade, ou de intelligencia, a qual tem manifestado tambem em outra esphera de actividade espiritual, publicando obras de valor sobre a situação e o futuro das nossas colonias, disseminando por jornaes e illustrações, as luzes do seu criterio e da sua experiencia.

Se para este logar eu quizesse trazer o chefe de familia, o marido, o pae, o avô, diria que a vida de Castilho era um modelo e o lar de Sete Rios um exemplo. N'essa casa patriarchal em que os bustos e os retratos a oleo de Antonio Feliciano de Castilho

mostram o respeito sagrado do filho, em que as armas, as azagaias, as settas e os tropheus africanos, lembram as épocas das suas campanhas e dos seus governos no Ultramar, em que uma profusão enorme de brindes, os mais valiosos e os mais significativos, attestam o reconhecimento da terra brasileira áquelle que restituiu illesos a centenas de mães em pranto os filhos queridos que iam soffrer morte affrontosa, n'essa casa, por tantos titulos respeitavel, casa-se a austeridade com a singelleza, a exacta comprehensão da vida moderna com o religioso culto de uma tradição que se impõe. E nada mais bello e suggestivo do que vêr esse homem glorioso e chão, a cabeça aureolada de cabellos brancos e a farda de almirante coberta de condecorações que nobilitam, espalhando para a esposa e para os filhos sorrisos complacentes que exprimem a felicidade de os ter bem perto de si, n'essa intimidade que evoca as épocas ridentes da existencia e remoja os corações, em que já vem cahindo as primeiras geadas do inverno.

E' vê-lo então, n'esses dias de felicidade plena, ia a dizer beatifica, em que o bravo e humanitário commandante da *Mindello*, o governador heroico de Moçambique, embala sobre os joelhos o pequenino João, o netinho de quatorze mezes, que estende para elle os bracitos rechonchudos, que offerece aos seus beijos a boquinha de carmim, que começa a chamar-lhe vovô, e que tão pouco peso faz ainda sobre a terra! Como lhe dão a eternidade da ventura esses instantes, em que pratica e soletra, pagina a pagina, *L'art d'être grand père*, do velho Hugo, d'esse famoso avô, que ensinou aos novos como se honra a patria, e aos velhos como se adoram os netos!

Ante esse espectáculo, ao mesmo tempo instructivo e infantil, quantas vezes tenho imaginado, de mim para mim, que elle, ao beijar o loiro bébé, é o vivo traço de união entre o futuro que balbucia as primeiras palavras e o passado distante, illuminado todo elle pelo clarão immortal do grande Cego, de Castilho, o Grande, chefe proclamado de uma litteratura e chefe modelar de uma familia!

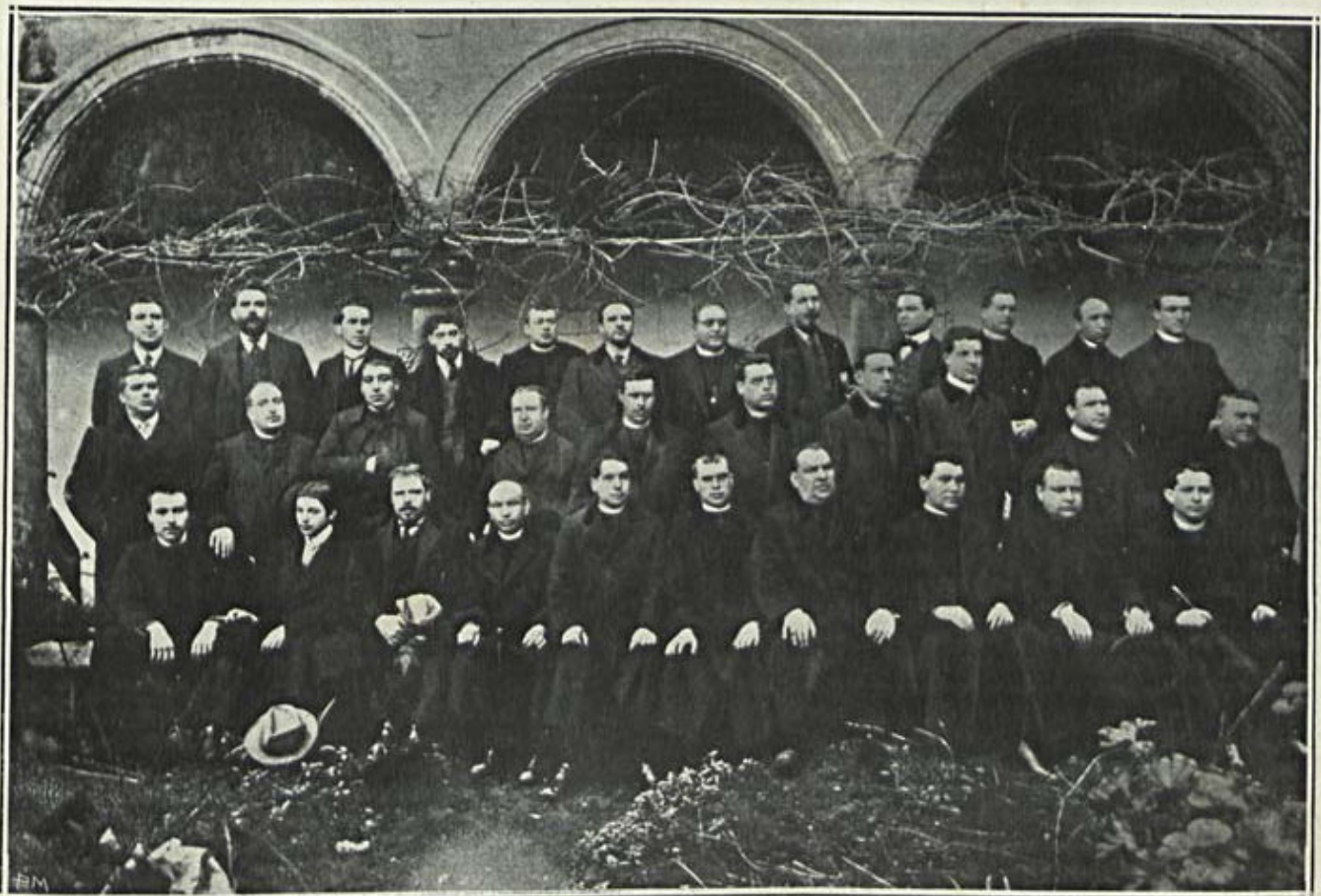
E tudo se aclara e explica, e á maravilha se comprehende que n'este paiz do Sol, que o mar epicamente prolongou a todos os confins do Planeta, se aninhe no coração de um velho marinheiro, desde a abnegação que vae até ao heroismo, desde a bondade que vae até á ternura, toda a Alma portugueza!

Muito de proposito eu reservo para o remate d'estas palavras a invocação do seu nome como director do *Brasil-Portugal* — E' que a situação que nós creámos na litteratura e na arte portugueza, o prestigio que, á força de perseverança a nossa Illustração attingiu, nos dois paizes que falam a nossa lingua, a conquista de sympathias, adhesões e louvores, que nunca fraquejou durante estes dez annos de laboriosa existencia, devemo-los em grande parte a elle, á sua collaboração proficiente, aos seus avisados conselhos, ao poderoso reflexo da sua individualidade consagrada.

Dizer isto em publico, bem alto, em nome de todos d'esta casa, é um dever que apraz ao coração e satisfaz a consciencia.

JAYME VICTOR.

## A CONSPIRAÇÃO MONARCHICA



Alguns dos ecclesiasticos emigrados em Hespanha

## NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 1 de abril de 1912

**C**ONSAGRAÇÃO nacional? Não, apesar de terem gasto o adjetivo, em vistosos normandos, nas columnas dos jornaes. Para chocar o alto e subtil espirito critico de Theophilo Braga não é preciso mais do que o abysmo que vae, — e que elle decerto sondou — entre aquella consagração e aquelle qualificativo. Do alto da sua supremacia intellectual, do vertice do pasmoso

### A entrega das credenciaes do novo ministro dos Estados-Unidos



O sr. ministro da America sahindo do palacio de Belem

edificio constituido pela sua obra de beneditino, pelo seu trabalho de investigador, por essas montanhas de prosa e verso em que está esculpido o seu nome, o philosopho, o observador e o critico, devia ter sentido, no melancholico declinar da laboriosa vida, uma pungitiva e silenciosa amargura, reconhecendo que no dia destinado á sua consagração, se abstinham de tomar parte nella os intellectuaes, os homens de sciencia, os trabalhadores do jornal e do livro. Esses, que deviam ser os primeiros a prestar culto ao mestre, por serem os que melhor deviam comprehendê-lo, não appareceram, dando ao paiz inteiro a falsa impressão de que eram injustas essas homenagens, porisso que se abstinham de nellas tomarem parte.

As crianças, que não teem ainda a consciencia dos seus actos, as juntas de parochia que não são decerto as mais aptas para aprehenderem e avaliarem a obra colossal do escriptor, e aggregações congeneres, foram as que se encarregaram do entusiasmo, as que no Colyseu dos Recreios, nas ruas, e defronte do homenageado, lhe levaram a expressão do agradecimento nacional.

Foi pouco. O auctor da *Historia da Litteratura*, da *Visão dos Tempos* e do *Cancioneiro da Vaticana*, merecia mais.

Se aquelles que promoveram a manifestação, logo desde o principio lhe imprimissem character politico ou antes partidario, melhor andariam, porque assim teria ella correspondido aos seus intuitos. Mas o sr. Magalhães Lima, que foi a alma d'essa manifestação, declarou bem alto, ao começar o seu discurso no Colyseu, que «as manifestações a Theophilo Braga não tinham character politico, mas que eram uma homenagem nacional, porque o poeta, o philosopho, o professor e o sabio, estavam muito acima da politica partidaria.»

Foi um erro, e um erro grave, que o espirito philosophico do seu velho amigo e companheiro de combate lhe não perdoará nunca, e Thephilo Braga tinha o direito de não ser amesquinhado por uma desvalorisação dos seus meritos, em primeiro logar porque não é nacional a consagração em que não tomem parte os

### Uma visita aos nossos fortes



O addido naval inglez, capitão de mar e guerra Howard Kelly, que ultimamente visitou os nossos fortes, arsenal de marinha, escola de torpedos, etc.

altos poderes do estado, o seu chefe, os seus ministros, o seu parlamento, em segundo logar porque menos nacional é ainda a consagração a um grande homem de letras, da qual se afastam todos os seus confrades, todos os intellectuaes.

Consagração politica, feita pelos partidos politicos, tambem o não foi, em toda a sua accepção, porque dois dos partidos militantes, fortes e organizados, declararam pela bocca dos seus chefes que não tomavam parte nella.

A que fica, portanto, reduzida essa consagração nacional? A uma manifestação partidaria e nada mais, a uma manifestação constituida por elementos individuaes e collectivos, alheios na maior parte á obra do escriptor, ainda que interessados em consagrar o nome do correligionario politico.

De estudantes de Coimbra partiram as primeiras manifestações a João de Deus, e por tal forma se foi orientando o espirito pu-

blico, que dentro em pouco, essas sim, tomaram um caracter nacional, em que o chefe do Estado, e o governo, e as academias, e os poetas, e o funcionalismo e o magisterio, e as municipalidades, e os artistas, todos se empenharam em honrar por formas diversas essa verdadeira gloria portugueza.

Para a consagração do lyrico e do pedagogo contribuiu como ninguém Theophilo Braga, o seu panegyrista por excellencia, o critico eminente do maior lyrico da Europa latina. Ah! Como elle devia recordar-se d'esse trasbordamento da alma popular, que differença profunda e pungente elle deveria ter encontrado entre a manifestação nacional de que foi alvo e a manifestação que consagrou João de Deus!

E, se dos vivos passamos aos mortos, consagração nacional foi aquella que ainda ha poucos dias prestou o Brasil inteiro á memoria do barão do Rio Branco, o grande cidadão, que assim como o escriptor serve o pensamento pela penna, serviu a patria pela diplomacia.

Comparando com a que lhe foi feita estas verdadeiras e authenticas consagrações nacionaes, Theophilo Braga, que, pelos seus talentos, pelo exemplo da sua vida e pela vastidão da sua obra litteraria, merecia homenagens excepcionaes, deve ter cordealmente lamentado que os politicos se lembrassem, ao fim de setenta annos, de o festejar e de lhe agradecer.

JAYME VICTOR.

## O Reverendissimo Bispo de Vizeu, em Lisboa



*Entrando na Igreja dos Inglesinhos onde ministrou ha dias ordens de presbytero a tres seminaristas e de diacono a dez*

Nesse dia devia ter passado tambem pelo seu espirito evocativo a França republicana de Victor Hugo e a festa grandiosa, emocionante, profundamente nacional, com que o paiz inteiro celebrou os 80 annos do poeta supremo. Devia ter-se lembrado de que não houve um poeta, um prosador, um homem de sciencia, um homem de arte, que não viesse, em qualquer das manifestações de que é prodigo o espirito francez, dobrar o joelho, e curvar a frente, deante do genio que symbolisava a força espirital de uma grande raça. O povo, com que elle vivêra, cujos ideaes apostolisára, cujas alegrias cantára, cujos soffrimentos padecêra, o povo veio tambem, é certo, coroar a glorificação do poeta, passando em frente d'elle a acclama-lo numa romaria que levou muitas horas a desfilar, porque mais de quinhentos mil habitantes de Paris saudaram com entusiasmo o grande velho, o patriarcha das letras. Esta sim, esta é que é uma consagração nacional, como nacional foi aquella, em que, poucos annos antes da morte de Tolstoi, a Russia, apesar de todas as suas oppressões, envolveu e honrou, pela penna de todos os seus escriptores, e até por um acto espontaneo do Czar, a grande, a nobre figura, d'esse artista genial da palavra escripta, d'esse divino defensor dos humildes e dos opprimidos.

Nacional como essa foi a consagração do maior poeta da Polonia, não ha muitos annos ainda, em que não houve provincia, nem cidade, nem municipio, nem poeta, nem prosador, nem artista, que se não associasse, pelas fórmas multiplas da glorificação, ás homenagens prestadas a esse grande escriptor que como nenhum outro symbolisava as aspirações, os martyrios, os anceios da Polonia retalhada.

## Paraiso Perdido

Tombou da haste a flôr da minha infancia alada,  
Murchou na jarra d'ouro o púdicco jasmim . . .  
Voou aos altos céus a pomba immaculada  
Que d'antes estendia as azas sobre mim.

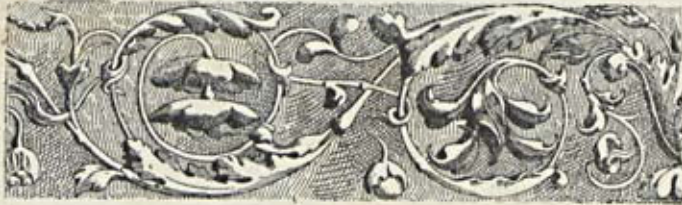
Julguei que fosse eterna a luz d'essa alvorada  
E que era sempre dia, e nunca tinha fim  
Essa visão de luar que vivia encantada.  
N'um castello ideal com torres de marfim!

Mas, hoje, as pombas de ouro, aves da minha infancia  
Que me enchiam de luz o coração outrora,  
Partiram, e no azul evolum-se, a distancia!

Debalde, clamo e choro, erguendo ao céu meus ais:  
. . . Voltam na aza do vento os ais que a alma chora,  
Ellas, porém, Senhor! ellas não voltam mais.

ANTONIO NOBRE.

Sem o soffrimento é incompleto o amor da mulher, assim como é imperfeito sem a gloria o amor do homem.



## POR UM OCULO... (1)

(Criticas, Blagues & Phantasias)

### ESCOLA MODERNA

#### NOTA

Foi ultimamente posto à venda um livro intitulado «A Bomba Explosiva», onde o sr. José Maria Nunes, republicano anarchista, mostra diversos modelos de bombas de dynamite de sua invenção e faz a apologia d'estes elementos destruidores.

O cidadão Ventura Vicente, tinha sido nomeado lente da 1.<sup>a</sup> cadeira da *Universidade do Civismo Vermelho*, prestimosa instituição scientifica que a republica fundara para educação dos seus apóstolos queridos.

— Cidadãos — começou o Ventura. Tíhamos ficado hontem na applicação pratica da bomba conforme os alvos em mira.

O illustre professor depois d'uma pequena pausa, emquanto folheava o caderno das matriculas, chamou:

— Cidadão Polycarpo Trinca Espinhas.

— Presente — respondeu o alumno levantando-se.

— Queira vir á pedra.

O Polycarpo espreguiçou-se rapidamente, repusera as melenas com dois dedos molhados em saliva, gingou a ossada magra e n'um pulo galgou a distancia que o separava da pedra.

— Na pontinha da unha, ás ordens de *bocencia*.

— Ora muito bem — declarou o professor assoando-se com força. O cidadão vae dizer-me quantas especies de bombas ha.

— As *especies* são muitas e variaveis.

— Sim, diz bem. Mas eu quero que me cite as do compendio official do sr. José Maria Nunes.

— Ah! Segundo o compendio, ha 8. As 6 primeiras pertencem á invenção do cidadão Nunes e as outras 2 a invenção alheia desconhecida.

— Justamente. Queira agora classificar as 6 primeiras, escrevendo na pedra.

Trinca Espinhas pegou no giz e escreveu.

Modelo n.º 1 — Metralhadora pequena...

— Não senhor. Já se enganou. A classificação no livro não está assim.

O alumno cuspiu para o lado, pôz a mão na ilharga e reflectiu.

— Então não se recorda? — tornou o professor. Olhe, abra o livro a paginas 1.

O Polycarpo consultou o compendio e voltou a escrever.

— Modelo n.º 1 — Bomba esferica.

— Modelo n.º 2 — Metralhadora pequena.

— Modelo n.º 3 — Bomba cylindrica com parafusos.

— Modelo n.º 4 — Bomba triangular.

— Modelo n.º 5 — Bomba cylindrica de rosca.

— Modelo n.º 6 — Metralhadora pequena.

— Esta classificação é necessario estar bem de cór e por isso recommendo aos cidadãos alumnos a maior attenção. E' a base do nosso estudo. Vamos agora á applicação. Responde o sr. Jacintho da Bica — e apontou para um alumno da primeira bancada. Quaes são os principaes alvos da bomba espherica?

— As cabeças dos policias — respondeu rapido o Bica.

— E da metralhadora pequena, responde o alumno que se segue?

(1) Crispim é o pseudonymo de um humorista que sabe como ninguém, sob uma fórma hilariante e pittoresca, encontrar a nota critica e justa dos acontecimentos que vão desfilando.

O *Brasil-Portugal* assegura em todos os seus numeros, a partir de hoje, a collaboração effectiva d'este escriptor, que tem o condão de fazer rir — ainda que o riso seja muitas vezes amarello — até aquelles que sentem o ardor dos seus espirituosos piparotes.

Felicitemos, portanto, os habituaes leitores da nossa Revista.

— Os *jasuitas*.

— E da bomba modelo 3?

— As *canastras*.

— E da bomba triangular — continuou o professor Ventura indicando com o dedo o alumno seguinte?

— Os reaccionarios...

— Não senhor. Esse é o modelo n.º 5, não é o n.º 4. Não sabe. Responda o sr. Viroskas.

— O alvo da bomba triangular é a tropa, quando não esteja ao lado do povo soberano.

— Diz bem, diz bem. E da bomba cylindrica da rosca? Diga o que se segue...

— Os reaccionarios.

— E da n.º 6? responde o sr. Trinca Espinhas.

— Os thalassas.

— Isso mesmo. Agora diga-me o que é a bomba?

— A bomba, segundo a opinião do cidadão Eugenio Vieira, a paginas 6 do nosso compendio, é uma *grande arma de combate, grande e terrivel, para operar em um raio limitado e ser uma machina de guerra de surpresas, e que presta grandes serviços á republica*.

— Cite-me agora o cidadão Viroskas outra definição da bomba.

— Segundo Celacio, paginas 5 do nosso compendio, a bomba é *uma arma moderna, não de ataque, mas de defeza. E' a força que se antepõe á força, é a violencia que se justifica contra a violencia. E' o viro reflexo das multiões, que expludem na conquista do direito á vida*.

— Sim, senhor. Ora agora vamos a vér qual o modelo a applicar ao alvo *paivantes*. Demonstre na pedra o cidadão Trinca Espinhas.

— Para os *paivantes*?

— Sim. Quantos modelos se devem applicar no alvo?

— Dois...

— Ora! Responde o cidadão Chico Tezo.

— Quatro.

— Não, senhor. Diga o que se segue...

— Os seis modelos combinados.

— Nada d'isso.

— Responda outro.

Ninguém do curso soube responder.

— Parece impossivel! — exclamou o professor. Estou farto de lhes ensinar isto. Ora façam favor d'abrir a Cartilha do sr. Antonio José d'Almeida. Cá está bem explicado. «*Se elles entrarem a fronteira, atirem-lhes como lobos; se tiverem fome, foragidos por essas montanhas, em lugar de pão, dêem-lhes agua-raz a beber; e, se tiverem frio, em lugar de lenha que os aqueça, mandem-lhes polvora a arder.*»

Ora, portanto, o modelo a empregar deve ser a união de todos os 6 modelos do prestimoso cidadão José Maria Nunes, com mais os 2 de invenção alheia desconhecida, e tudo convenientemente adornado de agua-raz, polvora e balas... por causa da alimentação recommendada por esse humanitario espirito que é o dr. Antonio José d'Almeida.

Não esqueçam isto, que é muito importante...

— Oh sr. Ventura, dá licença? — interrompeu um alumno das ultimas bancadas. Tenho cá umas *duvedas* sobre essa *mánica* p'ros *paivantes*.

— Então o que é? Diga, que para isso é que eu aqui estou, para os educar, para os ensinar a serem uns cidadãos uteis e valiosos.

— E' que a *mánica* com tudo isso fica muito pezada e um *home* tem que se aproximar muito d'elles para lh'a deitar, e pôde apanhar algum balasio...

— Sim, deve haver sempre o maximo cuidado em empregal-a, quando elles não percebam, e a melhor occasião é quando durmam.

Esses malvados não hesitariam em attentarem contra a vida dos seus irmãos portuguezes.

— Marotos, marotos... Assassinos... — exclamaram indignados os alumnos n'uma grande manifestação de solidariedade.

O professor Ventura Vicente, electrizado pelo entusiasmo dos seus discipulos, continuou energico:

— Cidadãos. Vós sois o orgulho da republica, a sua força, a sua base, as suas escoras. Tende sempre bem presente o que sofremos quando a tyranica monarchia dominava.

Só d'uma vez estive preso cinco horas sem culpa formada!

— Assassinos!... Assassinos!...

— E sabem por qué? Por ter sido apanhado com uma bomba no bolso!!

— Pouca vergonha! Despotismo! — continuavam gritando os alumnos indignados.

— E eu — gritou o Jacintho da Bica — no tempo do scelerado João Franco, estive dois dias n'uma esquadra de policia por fazer parte da revolução do 28 de Janeiro! Vejam que *martiros* soffri. . .

— Assassinos! Carrascos!

— Bem. Não recordemos essas coisas — voltou com voz grave o erudito professor. A nossa generosidade é grande, para brilho d'este regimen de fraternidade.

O continuo veiu annunciar que já tinha dado a hora de terminar a aula.

Então o professor Ventura, recommendou:

— Não esqueçam de fixar bem o que lhes disse sobre as bombas e estudem cuidadosamente o compendio do illustre cidadão Nunes, porque, como lá diz o nosso correligionario Eugenio Vieira, a paginas 8, *é um livro digno de entrar em todas as casas de bons portuguezes, porque é um educador pelo exemplo, d'esse ge-*

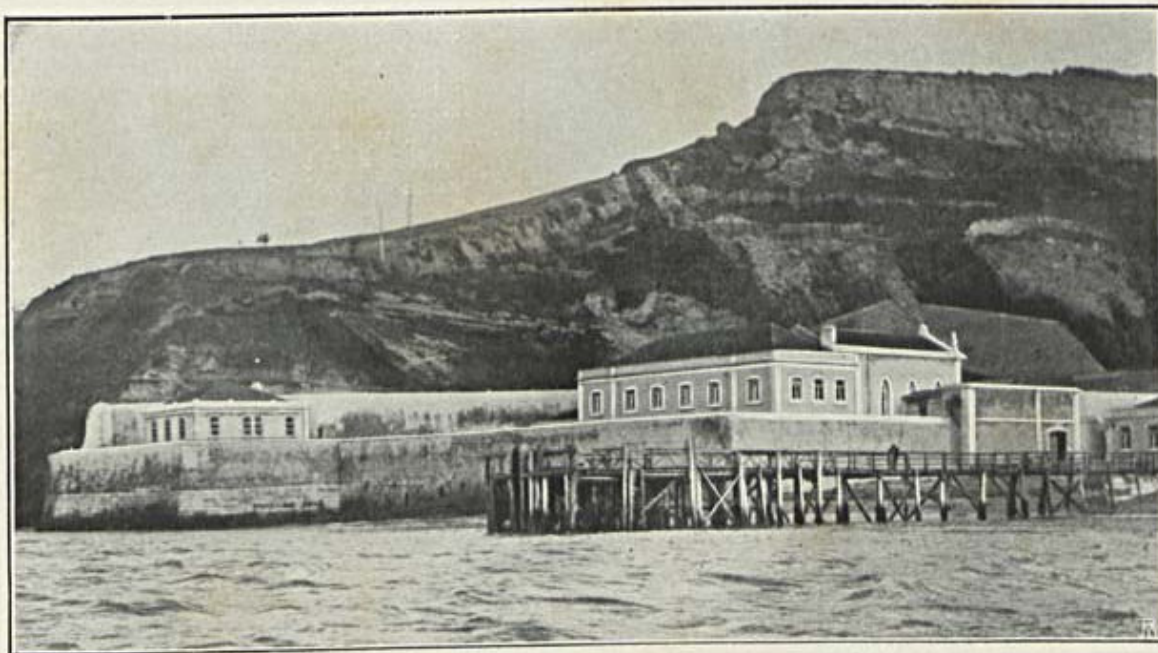
## As nossas gravuras

**E**NTRE as gravuras que publicamos sobre assumptos de actualidade avultam, pela importancia dos factos a que dizem respeito, as que se referem ao attentado contra o rei da Italia, á explosão de Miragaia e ao assalto a dois importantes jornaes do Porto.

O attentado contra o rei da Italia foi uma infamia e uma infamia nunca tem justificação. Serviu em todo o caso para afirmar ainda mais a popularidade do monarcha italiano, dando logar a manifestações, ás quaes se associaram monarchicos, socialistas e republicanos. Foi sem duvida um dia glorioso para o rei da Italia aquelle em que o attentado se commetteu.

A explosão de Miragaia e o assalto aos jornaes do Porto são dois factos que reclamam a attenção de todos e em especial a dos

## A conspiração monarchica



### O presidio da Trafaria onde estão muitos dos presos políticos

No dia 21 do mez findo evadiram-se do presidio da Trafaria, acompanhando-os o guarda Manoel Pires Affonso, os conspiradores dr. Antonio Joaquim Freire, medico, e Roque de Jesus Gonçalves, commerciante, factos narrado pelos jornaes diarios e do qual dão nota as duas gravuras que publicamos.

(Phot. de \*\*\*)

nero de educadores que devem estar sempre presentes n'uma sociedade ainda não inteiramente democratisada, porque se é certo que a republica foi feita pelas armas nas ruas, continua quasi por completo por fazer nas consciencias e nos lares. Portanto, democratizemos as consciencias e os lares. . .

— E qual será, para isso, o melhor modelo cidadão Ventura — interrogou com o papel e lapis em punho, para tomar apontamento, o alumno Chico Tezo.

— O modelo 3 e 4 combinados. Bomba cylindrica com parafusos e uma bomba cylindrica triangular. Deve dar resultados certos.

CRISPIM.

Applicae ao conversar  
Todos os cinco sentidos,  
Que as paredes têm ouvidos,  
E tambem podem falar:  
Ha bichinhos escondidos,  
Que só vivem de escutar.

ALVARENGA PEIXOTO.

poderes publicos, a quem todos confiam, monarchicos e republicanos, a defeza dos seus haveres, a defeza das suas vidas e a defeza do direito, que todos temos, de pensar, e de escrever as nossas idéas dentro dos limites da lei.

Com o assalto aos dois jornaes do Porto prova-se que a liberdade de escrever não existe, que o periodo revolucionario nunca mais acaba e que os exaltados não confiam nas leis que a propria republica fez. Esse assalto constitue um attentado ao mesmo tempo contra a propriedade e contra a liberdade, duas cousas que devem merecer o respeito de todos em todos os regimens politicos.

A explosão de Miragaia, essa então constitue um caso que a todos deve apavorar. Pode abdicar-se do direito de escrever, mas não é facil abdicar do direito que todos temos á vida.

Um exaltado fabricante de bombas deu causa, com a sua imprevidencia, a que trez predios fossem destruidos e numerosas pessoas morressem nos seus escombros. A imprevidencia, derivada do genero de *sport* a que se dedicava, custou-lhe a propria vida, o que é lamentavel, mas ainda mais para lastimar é que tantos fossem sacrificados innocentemente.

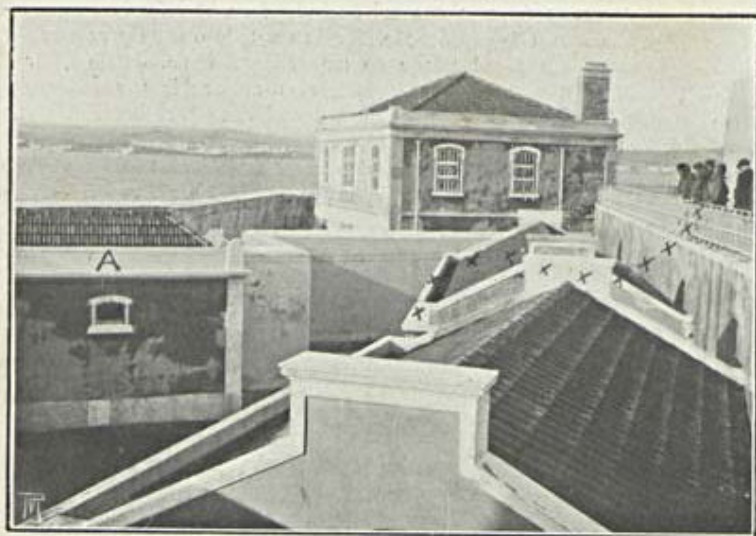
Quem poderá dizer que está seguro na sua propria casa?

Pois não bastam já os desastres de todos os dias e a que todos

estão sujeitos? Teremos então que indagar se na nossa visinhança habita algum exaltado que ponha em risco a nossa vida e a dos

## A conspiração monarchica

Uma evasão do presidio da Trafaria



A janella que está por baixo da letra A, foi por onde sahiram os prisioneiros, indicando as cruzes o trajecto atravez dos telhados seguido pelos conspiradores

nossos filhos? Temos que viver sempre n'uma atmospheria de receio e sob uma impressão de terror?

Póde admittir-se, póde conceber-se uma cousa d'estas?! Pois ainda não é tempo de tomar providencias energicas, severas, rigorosas tanto quanto seja preciso até ao ponto de acabar com este estado de cousas que nos prejudica individualmente na nossa vida, no nosso socego e na nossa fazenda, e, collectivamente, como nação que deve ser civilisada e civilisadora?

## FATIMA

(Lenda do S. João na Beira-Baixa)

**M**ANTEIGAS, villa da Beira-Baixa, é uma das mais antigas povoações do paiz. Rodeada pelas montanhas alcantiladas da Serra da Estrella só tem uma sahida.

Póde comparar-se a um monte de pedras agrupadas no fundo d'um poço secco. Succede, que no inverno, varios ribeiros que se despenham dos cerros visinhos atravessam o povoado com um fragor temeroso e arrastam consigo fragas enormes, de algumas toneladas de peso, que ameaçam, com frequencia, arrazar a villa.

Um pouco arredada das manifestações da civilisação, a gente de Manteigas conserva ainda a pureza dos costumes primitivos, — é sã e de bons instinctos. Dentro dos seus gabões com capuz, que raras vezes largam, encontram-se ainda as antigas virtudes dos velhos lusitanos.

Manteigas, foi em tempo dos agarenos, terra de importancia, pois teve o seu alcaide ou emir, auctoridades a quem os chronistas menos eruditos chamavam reis.

E' d'essa época que data a lenda que as avós beirãs contam, assentadas á lareira, nas longas noites de inverno, a fiar o linho ou a lã, em redor da fogueira vivificadora, ás netinhas de olhos arregalados.

A duas leguas da villa, ergue-se altivo, e a miudo revestido do seu alvissimo manto de arminhos, o pincaro de *Alfatema*, o cabeço mais elevado da Serra da Estrella. O panorama que de lá se descobre, em dias claros é coisa assombrosa. Muita gente que tem

visitado a Suissa talvez nunca se lembrasse de fazer uma ascensão até esse ponto, onde com certeza ficaria maravilhado com a vista soberba que d'ali se gosa. Succede isso frequentemente — irmos procurar fóra aquillo que possuímos em casa.

Então, quando a neve envolve como n'uma tunica de linho branco todos aquelles cerros, vertentes e valles; quando o olhar se prolonga até á faixa azul do oceano, d'um lado, galgando por cima das aldeias, dos rios, dos lacetes angulosos das estradas, da matta do Bussaco, dos campos escuros sulcados de fresco pela charrua; e do outro, até ás planicies extensissimas da Extremadura hespanhola, demorando-se um instante a profundar as quebradas, a analysar a torre alvarran da cidade da Guarda, o terreno penhascoso proximo da raia e os extensos olivedos até Ciudad Rodrigo, a alma dilata-se como na contemplação d'uma maravilha, que é, da natureza.

Mas vamos á lenda.

O montante christão não dava repouso á cimitarra mussulmana. Mais fortes os nazarenos ou mais felizes, levavam de roldão os sequazes de Mafoma. Repellidos de combate em combate, perseguidos sem mercê, era-lhes impossivel transportar todas as riquezas adquiridas durante seculos. Recorriam então ao expediente de as occultar nos sitios que julgavam mais adequados.

Principia aqui a dar largas á sua expansibilidade a imaginação popular. Esses thesouros eram, no dizer do povo, guardados por mouras encantadas.

O rei agareno de Manteigas, tinha uma filha chamada Fatima. Era formosa como uma visão do paraíso prometido por Mahomet e o pae estremecia-a como a fibra mais sensivel da sua alma. Os cavalleiros christãos das visinhanças empregavam os maiores esôrços para se apoderarem dos seus estados, captivarem a filha e asenhorearem-se dos seus bens e joias.

O rei quiz resistir, abrigado com as muralhas da cidade, mas como as hostes assaltantes eram em numero descommedido e a resistencia seria uma loucura, resolveu fugir pelos car-



Uma evasão do presidio da Trafaria

As settas indicam o ultimo obstaculo que os prisioneiros venceram antes de alcançarem a liberdade

(Phot. de \*\*\*)

reiros mais escusos da serra, levando a filha e o resto das riquezas, que ainda não tinham sido postas em lugar seguro.



Andaram, andaram durante todo o dia, mas ao anoitecer Fatima não podia dar mais passada, morria de cansaço. A conjuntura era temível. Como soccorrel-a n'aquelle descampado, no sitio mais agreste da serra? De subito, na sua frente, abre-se um

durante os seculos XII e XIII era enorme o panico na persuasão de vêr chegar os esquadrões mouriscos em busca da linda Fatima.

A lenda ainda tomou mais corpo no espirito crédulo dos simples aldeões quando, poucos annos depois dos christãos tomarem Manteigas, se deu o acontecimento que vamos narrar.

Uma pobre mulher, das mais miseraveis da localidade, teve de

## Uma grande explosão no Porto



As casas do bairro de Miragaia destruidas pela explosão



Uma grande explosão no Porto — Aspecto das ruínas

esplendido caminho, todo florido, calçado de pedras finissimas, e ao cabo d'elle, um foco de luz que illuminava tudo como se o sol brilhasse no zenith.

Era como um milagre operado pelo Propheta, a salvação que surgia a alguns passos. Então o rei, a filha e a comitiva sentiram a esperança renascer-lhes no coração. Seguiram a estrada que se lhes abria na frente e entraram n'um palacio tão resplandecente, tão cheio de coisas magnificas, que todos se quedaram deslumbrados.

O que depois se passou nunca ninguém o soube, mas nos dias immediatos viram os serranos subir e descer pelas encostas diversos pastores que ninguém conhecia na localidade. Demoraram-se algum tempo por aquelles sitios e faziam repetidas visitas ao *Curuto de Alfatema*, nome porque designavam o cabeça. Um bello dia desapareceram e nunca mais ninguém lhes tornou a pôr a vista em cima.

Esses pastores eram mouros disfarçados, e foi por indiscreção d'elles que se soube, que uma boa fada, madrinha de Fatima, a promettera guardar na sua vivenda encantada, sempre joven e formosa, até que os fieis sectarios do Alcorão conquistassem de novo Portugal.

Esta crença estava arraigadissima no animo dos camponeses, e

passar, de madrugada, no dia de S. João, pelo *Curuto da Alfatema*. Sentindo-se fatigada sentou-se n'um dos muitos penhascos que por alli abundam para descansar e comer algumas côdeas de pão que trazia.

A bróa, dura de muitos dias, quasi não se podia tragar. Quando a desventurada dizia mal á sua vida por ter de ingerir um tão parco alimento, viu a seu lado um vasto estendal de figos séccos.

Comeu alguns, e, lembrando-se dos filhos que choravam longe, encheu d'elles uma cesta que levava.

Dirigiu-se lépida para a arruinada choupana, gosando antecipadamente da alegria que ia proporcionar ás creanças. Qual não foi, porém, o seu pasmo, quando, ao destapar a cesta, em vez de figos se lhe depararam diamantes e reluzentes moedas de ouro.

Estava rica. Mas a mendiga, que minutos antes dera graças a Deus por ter só pão para saciar a sua fome e a dos seus, sentiu a mordedura da ambição. Um cabaz de pedras preciosas e de boas dobras d'ouro já era pouco para ella! Queria ser riquissima.

Volta apressurada ao *Curuto*. Mas o sol, que subira de todo no horisonte e que refulgia agora no immenso céu sem nuvens, ar-



Uma grande explosão no Porto

As auctoridades dirigindo os trabalhos de salyamento

(Phot. de C. Pereira Cardoso — Foz do Douro)

rancava da superfície polida dos fraguados myriades de scintillações offuscantes. O encanto quebrara-se, os figos tinham-se sumido. Presa d'uma grande aflicção e desespero, arrependendo os ca-



**Uma grande explosão no Porto**

*Os bombeiros trabalhando no salvamento das victimas*

bellos, ia para blasphemar, quando ouviu uma voz suavissima cantar:

Era teu tudo o que viste;  
Agora tornaste em vão!  
Não passes mais n'este sitio  
Na manhan do S. João.  
Não te perdeu a pobreza,  
Póde matar-te a ambição (1).

A lição foi proveitosa; a mulhersinha contentou-se com o que tinha, com elle adquiriu fazendas e passou venturosa e na abastança o resto dos seus dias. Foi esta a origem d'uma das primeiras casas da Beira-Baixa, afirma-se.

EDUARDO DE NORONHA.

## MISSA DO SOL

O sol, apparecendo no Oriente como um sacerdote revestido de oiro, alongando e abrindo mil braços de luz sobre a Natureza, murmura saudando as creaturas:

— *O Senhor seja comvosco!*

E o espirito da vida, diluido na luz, entra nas creaturas.

As rosas abrem os seios, descobrem-se os ninhos, palpitam sob a terra as raizes avidas, ciosas.

E, nas ramarias densas dos castanheiros, ouve-se um ramalhar de preces, resadas pelas folhas buliçosas que disputam a graça de um raio de luz.

Em todas as plantas se vê o tremor anciado das folhas que luctam por se desprender dos ramos, a caminho do sol.

Sente-se, por toda a terra, um tremito de paz buliçosa em que ha vida, luz, seiva — a Natureza.

— *O Senhor seja comvosco!* — continua o sol, subindo no azul.

E a cada pagina que os seus olhos de fogo vam lendo e me-

lhorando, elle entorna sobre as almas e as coisas, sobre os reis e os vermes, o seu oleo d'oiro.

E toda a Natureza gosa o alvoroço da moça sadia, ao sentir-se envolvida no olhar quente do noivo. . .

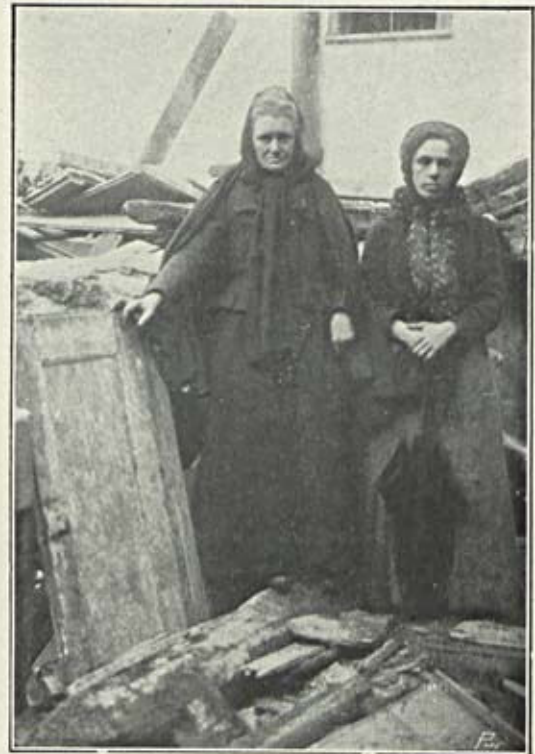
Mas a aragem da manhã, sacerdotisa dos amores castos, voando e sacudindo as azas, derrama sobre as creaturas a agua contida em mil cantarinhas de orvalho.

E' o *lavabo* da purificação com que o mundo se lava do pó para agradecer ao sol:

— *E o Senhor seja com a tua luz!*

E o sol vae subindo agora mais vagaroso, carregado das graças que lhe vâm da terra, attrahido, no alto, pela mão de Deus, avido de tanto louvor, enquanto no orbe rebrilham lumes gloriosos nas aguas, nos crystaes dos palacios, nas areias dos caminhos, nos olhos dos homens e nas azas dos insectos.

Quando o sol se fixa no zenith, depondo nas mãos de Deus as



**Uma grande explosão no Porto**

*Duas senhoras salvas das ruinas, sem ferimento algum, photographadas nos proprios aposentos que occuparam*

*(Phot. de C. Pereira Cardoso—Foz do Douro)*

graças de um hemispherio, o Creador refulge no coração do sol como em dias de festa numa custodia de oiro.

A esta *elevação*, no maior calor religioso, as pedras ardentes dos valles e das serras estoiram em salvas de culto, e os homens e os brutos, os cedros e as violetas, os cardos e os lyrios, inclinam a fronte em adoração, saciados de luz, consolados de amor. . .

Mas a *elevação*, durou uns momentos, e o sol vae agora descendo, descendo, até ao horizonte, onde os seus raios se esparzem e prendem como franjas d'oiro á volta de um altar.

E d'aqui, como um sacerdote que, pela ultima vez, beija a pedra de ára, depõe um osculo na aresta da serra, despedindo-se das creaturas:

— *A paz seja comvosco!*

E apenas o sol deixa o mundo, logo no ceu uma estrella apresada, branca e risonha, acode alegremente:

— *Graças a Deus,*

E todas as creaturas, dentro da sua especie, se abraçam e ciciam no silencio mystico do lusco-fusco:

— *A paz seja comvosco! . . . A paz seja comvosco! . . .*

As arvores ajoujadas de fructos entrelaçam os ramos curvos, e, temendo um furacão que lhes destronque os braços, murmuram:

— *A paz seja comvosco! . . . A paz seja comvosco! . . .*

As ribeiras, franzindo a epiderme, receiosas do pescador no-

(1) Reproduzimos a sextilha tal como a canta o povo de Manteigas.

cturno, segredam aos seus peixes aconchegando-os na macieira dos limos e nos recantos abrigados das margens:

— *A paz seja connosco!... A paz seja connosco!...*

E enquanto o sol, já abaixo do horizonte, vae arrastando o manto azul que encobria os astrós da noite, puxando-o pelas lom-

## O attentado contra os jornaes do Porto



*A fachada do «Jornal de Noticias» depois do attentado*

bas das serras e pela orla dos mares, enquanto as estrellas vãm surgindo e rutilando, todos os seres da terra se retribuem o voto que fez o sol, ao celebrar a sua missa, acolytado por todas as creaturas, em honra do seu Creador.

ALVARES D'ALMEIDA.

## DUAS ROSAS

Que bonita, meu amor!  
Que perfeita, que formosa!  
A ti puzeram-te Rosa,  
Não te fizeram favor;  
A rosa quem ha que a veja  
Bandeando, sem gostar?  
Mas por mais linda que seja  
A rosa quando se embala,  
Não te ganha nem eguala  
A ti em indo a andar!

A rosa tem linda cõr,  
Não ha flõr de cõr tão linda;  
Mas a tua cõr ainda  
E' mais fina e é melhor!  
Murcha a rosa, que desgosto!  
Só de lhe a gente bulir;  
E essas rosas do teu rosto  
E' em alguem te tocando  
Que parece mesmo quando  
Ellas acabam de abrir!

Cheiro o da rosa, esse não,  
Não é mais do meu agrado,  
Que o teu bafo perfumado,  
A tua respiração!  
Depois a rosa em abrindo  
Vae-se-lhe o cheiro tambem;  
A tua bocca, em te rindo,  
Só o bom cheiro exhala!  
E quando falas, a fala,  
Isso é que a rosa não tem!

Ella que tem, meu amõr?  
O cheiro, a cõr e mais nada.  
Confessa, rosa animada,  
Que és outra casta de flõr!  
Os olhos só elles valem  
Duas estrellas, bem vês;  
Pois vozes que a tua egualen  
Na doçura, na pureza...  
Na terra não, com certeza;  
Agora no céo... talvez!

Não ha assim perfeição,  
Não ha nada tão perfeito!  
Mas é um grande defeito  
O de não ter coração!  
N'isso é que te leva a palma  
A rosa sendo uma flõr  
Sem voz, sem vida, sem alma...  
Que abre logo á luz da aurora,  
E á noite esconde-se e chora  
Pelo sol, o seu amõr!

Ora se a rosa, vê bem,  
Tem amõr, não tendo vida,  
Será coisa permittida  
Tu não amares ninguem?  
Cuidas que Deus te agradece  
Essa isenção, minha flõr!  
Deus a ninguem reconhece  
Por filho senão quem ama...  
A terra e o céo proclama  
Que elle é todo puro amõr!

JOÃO DE DEUS.

## ROSARIO PINO, a grande actriz hespanhola



## Guatemala e Portugal

**H**A algum tempo que se nota em Portugal uma nova orientação com os paizes da America Latina, sendo evidente que os nossos governos chegaram á comprehensão de que aquella região do novo mundo, aberta hoje aos maiores progressos da civilisação, foi onde melhor se radicou o futuro desenvolvimento da nossa patria.

A America latina guarda, em geral, no seu solo riquezas extraordinarias, representadas por mineraes, pela agricultura, pela fauna e por maravilhosos bosques, que em meio das exuberancias com que a natureza dotou aquellas regiões, se offerecem aos homens emprehededores e de trabalho, como um campo fecundo para desenvolvimento da sua actividade e da sua energia. A imigração constitue uma das necessidades principaes d'aquelles povos, visto a falta de braços não lhe permittir alcançar a méta da sua prosperidade. N'essas condições, não ha duvida de que poucos paizes estão mais aptos do que Portugal para participar d'esse movimento do progresso e desenvolvimento hispano-americano, porque a raça, os costumes, as aspirações e a historia d'aquelles povos, tudo emfim, para elles nos attrae e nos obriga a consideral-os como irmãos. E agora que se aproxima a época em que será inaugurada a obra gigantesca d'este seculo, que assim se poderá chamar ao futuro canal de Panamá, o papel de Portugal, não só pelo que respeita ás suas relações politicas com a America latina, mas com respeito ás suas relações commerciaes de futuro com aquellas republicas, desenha-se amplamente na vida intima desta nação, indicada por numerosos titulos para occupar um lugar de evidencia nesse movimento pan-americano que tão poderosamente se reflectirá na vida economica da Europa.

A situação geographica de Portugal, em relação á d'essa grande via interoceânica, é unica no continente, sendo por isso para desejar que os nossos dirigentes comprehendam, emfim, qual a situação a seguir e a attitude a tomar, nas nossas relações internacio-

neira, que a criação d'uma legação de Portugal em Guatemala, n'essa rica secção do novo mundo, é de segura vantagem, ficando assim collocada no meio dos dois grandes oceanos.

A bella e rica America, além das suas riquezas naturaes, tem homens de superior talento, homens superiores, altos espiritos que pelos seus actos se affirmam estadistas de poderosa envergadura. Entre esses, avulta incontestavelmente pela sua larga e fecunda obra de progresso e de paz, o presidente da republica de Guatemala, o licenciado D. Manuel Estrada Cabrera.



**D. Manuel Estrada Cabrera**  
*Presidente da Republica de Guatemala*

Não ha muito que este illustre homem d'Estado acreditou uma legação em Lisboa, com o proposito exclusivo de fomentar as relações cordeaes que sempre existiram entre aquella nação e Portugal, e de preparar assim o terreno que os dois paizes teem a percorrer no seu trato mutuo, para a união que lhes é indispensavel, não só pelos seus interesses politicos, como tambem pelos fortes vinculos dos seus interesses economicos, que sem duvida vão ter em breve uma alta importancia entre as duas referidas nações.

A criação, portanto, da primeira legação de Portugal em Guatemala corresponde a esse espirito de cordialidade internacional, que é condição indispensavel dos governos amantes do progresso.

Já que falámos no presidente Estrada Cabrera, é justo citar alguns dados da sua notabilissima biographia.

A administração d'este eminente chefe d'Estado tem sido assignalada por um desenvolvimento extraordinario da republica. A fazenda, essa grande chave d'um Estado, tem sido objecto, durante o seu governo, dos mais sollicitos cuidados, a ponto de que a sua organização permittiu não só levantar consideravelmente os creditos da republica, como levar a feliz termo as obras de progresso, mais extraordinarias que se teem visto em Guatemala

e até na America hespanhola, nos ultimos annos.

Os caminhos de ferro crusam a republica em todas as direcções; e as locomotivas, como bandeiras do progresso, levam, do Atlantico ao Pacifico, o sopro vivificador da civilisação, que se espalha em todos os ambitos d'aquelle solo, convertido pela mão poderosa do seu illustre mandante n'um grande centro de cultura.



**Toledo Herrerte**  
*Ministro dos negocios estrangeiros de Guatemala*



**Ricardo Piuna Torres**  
*Encarregado dos negocios de Guatemala em Lisboa*

naes com as republicas do continente americano. Portanto, se com toda a America as nossas relações de interesses economicos e politicos tem de ser de incontestavel importancia, com os paizes da America Central, em consequencia das respectivas situações geographicas, essa importancia augmenta consideravelmente. De ma-

Porque, além das suas vias de comunicação como affirmação de progresso, a estatura moral do povo de Guatemala tem-se elevado notavelmente nos ultimos annos, graças ao grande desenvolvimento da instrução publica. Effectivamente, mercê da incançavel protecção do presidente Estrada Cabrera, conta hoje Guatemala tantas

escolas e Institutos de educação, tão numerosas e installadas em harmonia com todas as exigencias modernas, que ainda sob esse ponto de vista a republica hoje faz honra ao progresso da Instrução Publica em toda a America.

Os sumptuosos palacios que para asylos de mendicidade, correcção de menores, casas de orphãos, tribunaes de justiça, institutos scientificos, etc., se tem construido nos ultimos tempos, são outras tantas demonstrações do valor extraordinario do insigne cidadão que hoje dirige os destinos d'aquelle paiz amigo e irmão pela raça.

Mas, se com todos estes ligeiros traços que temos dado do perfil deste homem d'Estado tão notavel, a sua figura avulta em extraordinario relêvo, pelo que respeita á manutenção das suas relações com os paizes estrangeiros, a personalidade de Estrada Cabrera brilha a grande altura, destacando-se imponente entre a dos homens superiores que tem chegado á alta gerarchia de che-

e de cordealidade, que torna tradicional a justiça bem como a equidade, com que se ventila e resolvem os mais delicados assumptos na chancellaria Guatemalense.

E' justo dizer-se que para os exitos conquistados, muito tem contribuido o talento e a clarividencia, que tanto distinguem Estrada Cabrera na escolha dos diversos collaboradores da sua brilhante administração. Entre estes, distingue-se Luiz Toledo Herrerte, cujo nome tem larga fama continental porque os seus dotes de diplomata o puzeram em relevo nas mais dificeis questões internacionais, nas quaes a sua acção mereceu os mais calorosos encomios do illustre estadista.

Ainda não ha muito que na quinta conferencia internacional americana, reunida em Buenos-Ayres, e na qual estavam representadas todas as republicas americanas, por eminentes delegados, coube ao ministro de Guatemala em Washington e Argentina, e seu representante na conferencia, pronunciar o discurso de

## CASAMENTOS ELEGANTES <sup>(1)</sup>



D. Nuno de Almada e Lencastre (Sotto d'El Rey)



D. Isabel de Mello (Sabugosa)

fes de Estado. E isto, porque, dada a situação em que o direito internacional, ainda tão imperfeito, colloca os pequenos paizes em relação ás potencias poderosas, só devido a um grande tacto diplomatico, a um grande talento de politico e a uma surprehendente previsão de estadista, é que se consegue a consideração e a sympathia, e os testemunhos eloquentes de deferencia e de alta estima que tem recebido Guatemala, mais vezes directamente e outras na propria pessoa do seu illustre presidente. Assim, as relações que Guatemala cultiva hoje com todos os paizes civilizados tem um tal cunho de sinceridade e de cordealidade, que poucas vezes chegam por certo a ser mais cordeaes tratando-se de grandes potencias europeias e de uma republica latino-americana.

Quasi todos os soberanos do velho mundo tem distinguido o presidente Estrada Cabrera com as mais valiosas condecorações; e ainda não ha muito que a republica franceza, por igual o distinguia, concedendo-lhe a Legião de Honra. Além disto, dezesept legações tem a sua residencia em Guatemala e o corpo diplomatico alli acreditado não cessa de dar inequivocas provas de sympathia ao seu governo, porque tambem no trato que com elle tem, não deixa de encontrar aquelle espirito de rectidão, de firmeza

encerramento; e n'essa occasião a figura do dr. Toledo Herrerte brilhou a grande altura e os prestigios da sua eloquencia, da sua illustração e do seu talento, foram então de tal modo postos em relêvo, que esses meritos logo foram galardoados com os aplausos unanimes d'uma assembleia que reunia no seu seio os homens mais proeminentes das três Americas.

A presença, portanto, do dr. Toledo Herrerte no ministerio dos negocios estrangeiros de Guatemala, ádos os seus antecedentes, é mais uma segura prova de que a sympathica e progressiva republica deseja cultivar as melhores relações diplomaticas com as nações amigas.

Como eficaz collaborador d'essa distincta administração a que preside o licenciado Estrada Cabrera, com razão denominado, benemerito da Patria, reside em Lisboa, como representante diplomatico de Guatemala, um culto e distincto cavalheiro, o Sr. D. Ricardo Pluna Torres, cujas qualidades de intelligencia e de character o tem feito crêdor da alta estima e merecido apreço, de que goza nos altos circulos politicos e sociaes da capital lusitana, o que incontestavelmente contribue para augmentar a grande corrente de sympathia e cordealidade affectuosa que reina nas relações diplomaticas entre Guatemala e Portugal.

(1) Vêr no n.º 316, noticia referente ao assumpto.

## O attentado contra os reis de Italia



O rei de Italia



A rainha de Italia

### VARIEDADES

#### Um musico cruel

Em Stuttgard foi julgado ha tempos um processo que produziu uma grande sensação nos circulos musicas allemães. Este processo foi instaurado contra o maestro Steindel, accusado de horribeis brutalidades praticadas contra os seus tres filhos. Pae e filhos formavam o *quarteto* Steindel, muito conhecido nos paizes que falam o allemão. Além de outros maus tratos, o processo revelou a crueldade de Steindel fazendo sentar um dos filhos n'uma chapa de ferro em braza.

E dizem ainda que a musica adoça os caracteres...

#### Vida animal

Das observações de diversos naturalistas celebres, o *Journal de la Santé*, apurou os seguintes interessantes dados acerca da duração da vida de certos animaes:

O crocodilo vive 200 a 250 annos; o elephante, 150 a 200; a aguia, 100; o cysne 100; o corvo, 100; o leão, 60; o ganso, 50; o camelo, 50; o touro, 30; o veado, 30; o jumento, 25 a 30; o cavallo, 25; o pavão, 25; o pintasilgo, 25; o cão, 15 a 25; o porco, 20; o urso, 20; o camarão, 20; o lobo, 20; a ra-



O commandante Lang ferido por uma das balas disparadas sobre o rei de Italia

posa, 15; o grillo, 10; o canario, 10; a cabra, 10; a gallinha, 10; o coelho, 8; a aranha, 7; e a abelha, 1.

A média da vida é, parece 33 annos.

#### Para impedir que o leite se altere

Pode-se fazer que o leite coahado volte á sua fluidez natural, ajuntando-lhe, enquanto estiver quente, uma colher de leite fresco, no qual se desfaça uma pitada de carbonato de potassa ou bicarbonato.

Esta substancia que é pouco dispendiosa e se encontra em qualquer pharmacia, não communica ao leite sabor desagradavel.

E' conveniente deitar alguma quantidade d'essa substancia no leite antes de o ferver, quando se receiar que elle se altere ou azede; como acontece no verão, durante os grandes calores e especialmente em tempo de trovoadas.

#### Para matar a sede

A titulo de curiosidade damos as seguintes informações que só a pratica dirá se são realmente uteis:

Ha annos o capitão Henedy ouviu de um medico que a sede podia ser saciada empapando-se a roupa em agua do mar e vestindo-se sem espremer o excesso de liquido. O capitão naufragou ultimamente e, achando-se em risco



O local do attentado, marcando a cruz o sitio d'onde disparou o anarchista italiano

## THEATROS

## THEATRO DA RUA DOS CONDES — Elle ahí está!



Final do 1.º acto

de morrer de sede, lembrou-se do conselho medico e pô-lo em pratica, convencendo alguns marinheiros de que deviam fazer o mesmo. Tanto o capitão como os seus imitadores sobreviveram, ao

passo que os marinheiros que não o ouviram e pensaram acalmar a sede bebendo agua salgada morreram depois de crueis padecimentos.



Uma scena do 2.º acto

(Phot. de A. C. Lima)

### O que é a polvora?

E' uma mistura de salitre, nitro ou nitrato de potassa puro, flôr de enxofre, e carvão leve, pouco calcinado e muito moído.

As proporções d'estas tres substancias variam segundo os paizes e segundo os usos a que a polvora é destinada. Por exemplo:

	Nitro	Carvão	Enxofre	
Polvora de caça (franceza) ...	78	12	10	= 100
» de guerra .....	75	12 1/2	12 1/2	= 100
» de mina .....	65	15	20	= 100
» chamada ingleza .....	76	15	9	= 100

## THEATROS

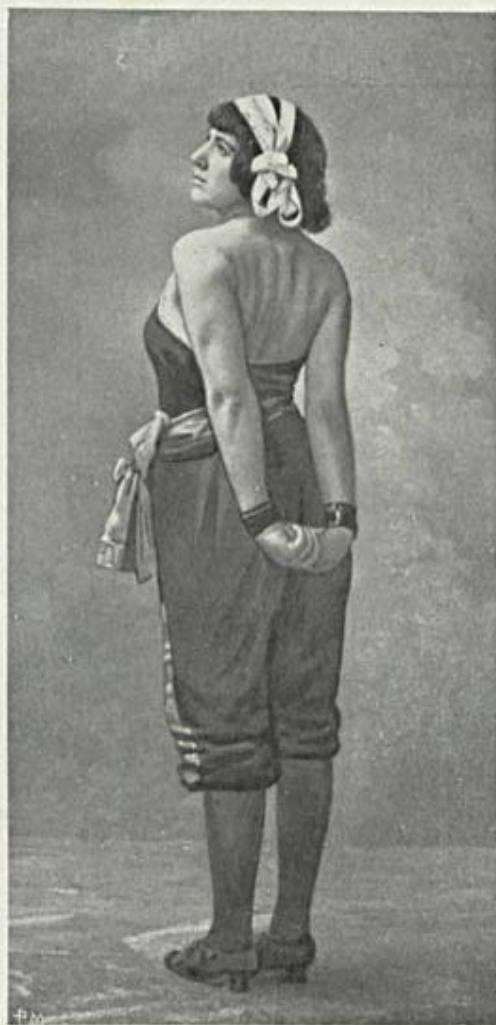
**Republica** — *D. Ramon de Capichuela* — peça em 1 acto de Julio Dantas — *A Volta do Filho* — episodio em 1 acto de João Phoca — *A Ceia dos Cardeas* — peça em 1 acto de Julio Dantas — **Rua dos Condes** — *Elle ahí está*, revista em 3 actos e 8 quadros, original de Gil de Mello e Camara Manoel, musica de Ivatê e Rebelo.

A ultima quinzena theatral foi constituida por assim dizer de retalhos. Chaby deu-nos na sua festa artistica um interessante espectáculo, a que o publico affluu em numero consideravel, como nunca tinhamos visto no **Republica**. Representou se primeiramente o *D. Ramon de Capichuela*, interessante peça, muito graciosa, interpre-



*Ceia dos Cardeas*, interpretada por Brazão, Ferreira da Silva e Chaby. Do valor dos artistas se poderá avaliar o desempenho e está dito tudo. Uma noite de alegria e de arte, com excellentes resultados para Chaby, pelo que o felicitamos.

Mais uma revista a acrescentar ao rol de tantas outras, fomos ouvir ultimamente ao **Rua dos Condes**. *Elle ahí está...* é o titulo, e como só pelo titulo nada se pôde avaliar, diremos que ella tem originalidade, graça, boa musica e até... pornographia, o que quer



A athleta portugueza Adelaide Ferreira, de 23 annos, natural de Lisboa e discipula do distincto athleta Raul Alves Martins.

Depois de vinte e trez dias de treno apresentou-se pela primeira vez ao publico executando as suas «poses» plasticas e o seu novo trabalho de pesos e alteres, no antigo theatro da Alegria, onde o valor da joven athleta foi com justiça aclamado.

dizerque a carreira foi encetada com exito e deve ir por ahí fóra. Consta-nos que depois da sua primeira representação alguns numeros foram modificados bem como as phrases mais apimentadas, e isso foi de grande vantagem, pois que ouvimos algumas que sabiam um pouco fóra dos limites. O desempenho bom, bem como scenario e guarda roupa.

RUY.

## Animatographos

**Variiedades** — Nesta sala de espectaculos transformada agora em salão animatographico tem-se exhibido fitas de verdadeira sensação, destacando-se entre ellas *Uma viagem a Paris* e a *Bailarina descalça*. Para breve annuncia a empreza grandes novidades. **Salão da Trindade** — Grande exito e concorrencia de publico com as fitas *Valle de Albege* (panorama do Tyrol) e *Um drama japonês*. **Salão Fox** — Além do enorme successo constituido pelas novidades animatographicas que têm sido apresentadas n'este salão, continua sendo um attractivo dos espectaculos a exhibição do actor-cantor Carlos Lamas que tão grande successo tem alcançado entre nós e no estrangeiro. **Olympia** — Continuum sendo muito concorridos os espectaculos, devido ao grande numero de novidades que são sempre apresentadas. **Chiado Terrasse** — O grande exito do dia é a fita de grande espectáculo *Sangue Siciliano*. No **Phantastico** a *Roleta* tem tido mais ovações que no parlamento, e tanto no **Salão Central** como no **Chantecler**, as ultimas fitas são o que ha de mais sensacional.

tada magistralmente por Chaby e Jesuina. Um acto em verso que Julio Dantas escreveu com todo o seu grande talento, explanando o o typo do hespanhol fanfarrão, e cuja acção decorre em Hespanha, em pleno seculo XVII. Auctor e actores foram com justiça immensamente applaudidos. Seguiu-se um acto que foi prehenchido por Augusto Rosa, que mais uma vez nos deliciou com a *Dança do vento*, esplendidos versos de Affonso Lopes Vieira; Jesuina Saraiva, que disse com graciosidade uns versos de D. Branca de Gonta Collaço; Angela Pinto nas suas cançonetas francesas imitando a Ivette Guilbert; Jorge Collaço que com o seu maravilhoso lapis traçou varias caricaturas de pessoas em evidencia salientando-se a de S. Luiz de Braga, e Chaby Pinheiro que recitou em portuguez um soneto de Camões, e depois versos em francez, italiano e hespanhol, sendo estes ultimos bisados. Todos os collaboradores d'este acto foram apresentados por André Brun, que para cada um teve uma phrase amavel de mistura com um dicto de espirito.

Do apreciado comediographo brasileiro João Phoca representaram a seguir Jesuina e Chaby um episodio de costumes portuguezes intitulado *A Volta do Filho*, em que dois paes estão n'uma anciedade esperando o regresso de um filho que ha vinte annos andá pelo Brasil. Findou o espectáculo com a *reprise* da celebre peça em um acto